

**DIÁLOGOS ENTRE WINNICOTT E LACAN:
Do conceito de objeto ao manejo clínico da experiência de
sofrimento**

Perla Klautau e Octavio Souza

RESUMO

O propósito deste trabalho é o de tecer algumas considerações sobre o manejo clínico da experiência de sofrimento na clínica psicanalítica atual. Com Winnicott e Lacan se torna possível estabelecer um diálogo atravessado pelo viés da continuidade e da falta, refletindo sobre o modo como os autores em questão conduzem o processo analítico. Adotando como ponto de partida a oposição entre continuidade e falta, pretende-se esboçar os reflexos clínicos destas formulações e, em seguida, discutir o manejo da experiência de sofrimento na prática psicanalítica.

Palavras-chaves: objeto; manejo clínico; Winnicott; Lacan

Ao iniciar um ensaio que pretende estabelecer um diálogo entre Winnicott e Lacan, torna-se necessário, antes de mais nada, evidenciarmos nosso ponto de partida: o conceito de objeto. Partindo do objeto, adotamos como fio condutor alguns contatos estabelecidos entre esses dois autores. A partir destes contatos, procuramos ressaltar junções e disjunções entre as concepções winnicottianas e lacanianas de objeto a fim de chegar ao manejo clínico da experiência de sofrimento. Para realizarmos esta tarefa, procuramos levar em consideração como cada um dos autores elaborou, respectivamente, os conceitos de objeto transicional e de objeto *a*, cujas formulações certamente nos fornecem indicações sobre a maneira de cada um atuar na clínica.

Do objeto transicional à criação do objeto a.

A origem do conceito de objetos e fenômenos transicionais está articulada de maneira direta com a prática pediátrica de Winnicott. O contato da clínica pediátrica permitiu-lhe voltar sua atenção para o desenvolvimento emocional infantil e investigá-lo a partir de uma ótica própria, tecida na fronteira entre a pediatria e a psicanálise. Basta nos remetermos ao artigo de 1941 “A observação de bebês numa situação padronizada”, no qual Winnicott analisa o comportamento de bebês numa situação criada por ele, para encontrarmos as primeiras elaborações dos objetos e fenômenos transicionais que só são conceituados como tais dez anos depois. Em 1951, Winnicott postula o conceito de objetos e fenômenos transicionais¹, situando-os em uma área estabelecida na fronteira entre o interno e o externo, ou, mais especificamente, numa área intermediária, *nem dentro nem fora*, isto é, num espaço de interseção formado pela sobreposição entre o que o bebê concebe e o que a mãe fornece.

O conceito de objeto transicional está presente nos dois momentos cruciais da construção do conceito de objeto na teoria lacaniana: a noção da falta do objeto e, a sua elaboração posterior, o conceito de objeto *a*, que consiste no nome dado a esta falta. De acordo com Miller (1999), talvez tenha sido no seminário de 1956-57, intitulado *A relação de objeto*, a primeira vez que Lacan estabelece um diálogo com Winnicott. Neste seminário, ao comentar o artigo winnicottiano “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais”,

¹ Winnicott não estabelece uma distinção entre objetos e fenômenos transicionais, o que torna possível entendermos estes dois termos quase como equivalentes, pois o importante não é o objeto em si, tal como o ursinho de pelúcia, mas sim o uso feito da primeira possessão não-eu, a qual pode ser tanto uma música quanto um ursinho.

Lacan recorre primeiramente às observações efetuadas por Winnicott acerca do papel exercido pela função materna na apreensão da realidade:

(...) Winnicott observa que, em suma, para que as coisas corram bem, ou seja, para que a criança não seja traumatizada, é preciso que a mãe opere estando sempre ali no momento necessário, isto é, precisamente vindo colocar, no momento da ilusão delirante da criança, o objeto real que a satisfaz. Portanto, não existe inicialmente, na relação ideal mãe-criança, nenhuma espécie de distinção entre a alucinação do seio materno, que surge por princípio do processo primário, segundo a noção que temos, e o encontro do objeto real de que se trata (Lacan, 1956-57, p. 34).

De acordo com Lacan, Winnicott faz um uso problemático da noção de realidade, ao substituir os conceitos freudianos de princípio do prazer e da realidade por dois atores ideais. Sob essa ótica, a relação mãe-bebê, tal como é concebida inicialmente por Winnicott, estrutura-se de maneira dual e direta, isto é, sem espaço para a falta de objeto.

O que é esquecido (...) – esquecimento que obriga a essas formas de suplementação que enfatizo, a propósito do artigo de Winnicott – é que um dos pontos mais essenciais da experiência analítica, e isso desde o começo, é a noção da falta do objeto (Idem, ibidem, p.35).

Deste modo, Lacan instala a noção de falta no centro da relação mãe-bebê, acentuando o valor construtor da falta do objeto tanto na teoria, quanto na clínica analítica. Além de recorrer ao conceito winnicottiano de objeto transicional no seminário em que elabora de forma mais precisa sua teoria da falta do objeto, Lacan também retornará a este conceito no ano em que concebe o conceito de objeto *a*, em 1960. Neste ano, no artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” e numa carta a Winnicott, Lacan se refere ao lugar ocupado pelo objeto transicional, que em sua teoria consiste no lugar da falta, conceituado como objeto *a*.

Para o entendimento do lugar ocupado pelo objeto *a* na teorização lacaniana², torna-se necessário uma breve incursão à formalização dos conceitos de alienação e separação exposta no seminário de 1964. Neste seminário, Lacan utiliza as operações conhecidas como união e interseção da teoria matemática dos conjuntos para elaborar e formalizar os conceitos de alienação e separação, os quais consistem em operações constituintes do sujeito e ancoradas no campo do Outro. Seguindo a teoria matemática, Lacan postula dois conjuntos: do lado esquerdo situa o conjunto do sujeito, do direito o conjunto do Outro e no meio uma interseção. A novidade apresentada por Lacan consiste justamente no tratamento dado à área de interseção. Conforme a lógica matemática, a interseção de dois conjuntos isola o que há de comum, ou seja, os elementos que pertencem a ambos os conjuntos. A formulação lacaniana não segue tal lógica. De acordo com Lacan, entre o sujeito e o Outro há uma interseção formada não pelo que pertence aos dois conjuntos, mas sim por aquilo que falta em ambos os conjuntos: a falta proveniente do sujeito é recoberta por uma falta encontrada do lado do Outro. A sobreposição dessas duas faltas formam uma única lacuna que é condensada sob a forma de objeto *a*. O objeto *a* deve ser entendido como uma letra colocada no lugar de uma falta, não para preenchê-la, mas para nomeá-la como tal.

Ao atingir este ponto, torna-se pertinente recorrer às cartas trocadas por Winnicott e Lacan. Primeiramente, em 11 de fevereiro de 1960, Winnicott escreve a Lacan agradecendo a publicação da tradução para o francês de seu artigo “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais”.

² Neste ensaio não pretendemos fornecer cada faceta da conceituação do objeto *a* ao longo do ensino lacaniano. Como este artigo está centrado em alguns contatos estabelecidos entre Winnicott e Lacan, o objetivo aqui consiste em remontar as primeiras elaborações a cerca do conceito de objeto *a* que,

Estou muito contente em possuir o quinto volume de *La Psychanalyse* e escrevo para lhe agradecer por ter publicado uma tradução do meu ensaio sobre objetos transicionais. Parece-me que alguém teve um trabalho imenso com os detalhes da tradução, e esse alguém foi o senhor. De qualquer modo, devo ao senhor o fato de esse artigo agora estar disponível em francês (Winnicott, 1960, p.112).

Em 5 de agosto de 1960, Lacan envia uma resposta a esta carta referindo-se, entre outras coisas, ao lugar ocupado pelo objeto transicional:

(...) Esse “objeto transicional”, cujos méritos eu tenho mostrado aos meus, não indicaria *o lugar*³ onde se marca precocemente essa distinção do desejo em relação à necessidade? (Lacan, 1960a, p.9)⁴.

Lacan se refere a um *lugar* ainda não definido por Winnicott como tal. Somente em 1967, no artigo “A localização da experiência cultural”, Winnicott denomina como espaço potencial este lugar visualizado por Lacan. Winnicott elabora o conceito de espaço potencial a partir da tentativa de situar no tempo e no espaço o lugar ocupado pela brincadeira, que assim como os objetos e fenômenos transicionais localiza-se num espaço que não fica no interior, tampouco no exterior, ou seja, não pertence à realidade psíquica nem faz parte do mundo repudiado como não-eu.

Deste modo, o espaço potencial se situa num lugar formado a partir da *superposição* de duas áreas de brincadeiras. Esta superposição pode ser explicada a partir da idéia do conjunto ambiente-indivíduo formado pelo bebê e pelos cuidados maternos. O espaço potencial vai sendo constituído na medida em que a criança gradualmente vai experimentando a falta dos cuidados maternos. Neste momento, mãe-bebê que formavam o conjunto ambiente-

certamente, foram influenciadas pelo contato estabelecido por Lacan com o conceito winnicottiano de objetos e fenômenos transicionais.

³ Grifos meus

⁴ Conforme a afirmação original de Lacan: “[...] Cet ‘objet transitionnel’ dont j’ai montré aux miens tous les mérites, n’indique-t-il pas la place où se marque précocement cette distinction du désir par rapport au besoin?”.

indivíduo vão se separando: por um lado a criança vai experimentando a falta dos cuidados maternos, por outro a mãe vai se deparando com a capacidade adquirida pelo bebê de suportar sua ausência, e, assim, um espaço de interseção entre eles vai sendo instalado.

Sendo assim, Winnicott e Lacan utilizam nomes diferentes para definir a mesma área intermediária, denominada pelo primeiro como *espaço potencial*, lugar onde o objeto transicional é produzido, e postulada pelo segundo como objeto *a*. Apesar de postularem uma mesma área de interseção entre a mãe e o bebê, Winnicott e Lacan a concebem de maneiras diferentes: enquanto Winnicott refere-se a um espaço potencial que nunca pode ser produzido como um espaço de falta propriamente dita, Lacan enfatiza a presença desta falta como causa do desejo.

No artigo de 1960, intitulado “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, Lacan situa a noção de causa do desejo no lugar ocupado pelo objeto transicional:

(...) *objeto transicional* – em outras palavras, o pedaço de pano e o caco querido que não abandonam mais o lábio nem a mão. Isso, há que dizê-lo, é apenas emblema; o representante da representação, na condição absoluta, está em seu *lugar no inconsciente, onde causa o desejo*⁵ (Lacan, 1960, p.829).

A noção de causa ressaltada por Lacan permite o estabelecimento de uma aproximação entre o conceito de objeto *a* e o conceito de espaço potencial. De acordo com a teoria winnicottiana o espaço existente entre a mãe e o bebê, constituído a partir da falta materna, nunca deve ser estabelecido como um espaço propriamente dito. Deve permanecer sempre em estado potencial, propiciando a produção dos objetos e fenômenos transicionais, os quais consistem na parte visivelmente apreendida do fantasiar. Deste modo, o

⁵ Grifos meus.

espaço potencial possibilita a constituição do simbolismo, funcionando como causa da atividade fantasmática, ou, em outros termos, da busca permanente de objetos, a qual, nos termos lacanianos, pode ser aproximada da noção de desejo. Tais reflexões nos permitem entender que, para Lacan, o espaço potencial, assim como o objeto *a*, é a causa do desejo.

Apesar de ter chegado ao fim o material que atesta um diálogo referente ao conceito de objeto, não é nosso objetivo esgotar o diálogo entre Winnicott e Lacan. Pretendemos ainda, colocar face a face, o modo como estes dois autores concebem, respectivamente, os conceitos de objeto transicional e de objeto *a*, apontando o modo como cada um conduz o processo analítico.

Do conceito de objeto ao manejo clínico da experiência de sofrimento

A área de interseção entre o eu e o outro, concebida por Winnicott como *espaço potencial* e por Lacan como objeto *a*, descortina uma diferença referente à forma como estes dois autores concebem, respectivamente, os conceitos de objeto transicional e de objeto *a*.

O objeto transicional é produzido como uma metáfora da falta materna, isto é, como algo concreto construído para simbolizar a união do bebê com a mãe, a qual passa a faltar, a falhar, quando não atende mais a todas as necessidades do bebê. Sendo assim, a função do objeto transicional consiste em simbolizar a falta materna, permitindo que a criança suporte-a, e – mais importante ainda – que esta falta nunca se constitua efetivamente como tal.

Justamente o contrário está em questão quando abordamos a constituição do objeto *a*, posto que este objeto nomeia a falta propriamente dita, falta esta constituída como tal a partir de uma perda que não pode ser

reparada nem tampouco obturada, por ser, ela mesma, a propulsora da constituição subjetiva. Desse modo, para nomear algo que não pode ser representado, Lacan coloca uma letra, *a*, no lugar de uma falta, fazendo desta letra *a* própria falta. Neste sentido o objeto *a*, diferentemente do objeto transicional que é produzido como uma metáfora da falta, pode ser entendido como a falta em si.

Assim, o breve exame realizado da área intermediária entre o eu e o outro nos conduz ao desencontro existente entre a conceitualização winnicottiana do objeto transicional – realizada pelo viés da continuidade – e a conceitualização lacaniana do objeto *a*, realizada pelo viés da falta. Este desencontro estabelecido entre os conceitos de objeto transicional e de objeto *a* é reeditado na clínica.

Por um lado, a falta existente entre o sujeito e o objeto, enfatizada e nomeada por Lacan como objeto *a*, funciona como norteadora de sua prática clínica cuja ênfase recai sobre a valorização da interpretação das formações do inconsciente e da dimensão pulsional presente desde o início da relação com o outro (Souza, 2002). Por outro, tem-se a continuidade da relação de dependência enfatizada por Winnicott, na sua elaboração do conceito de objeto transicional, continuidade esta que propicia uma passagem da experiência fundada no campo da fusão eu–não-eu para o campo onde é estabelecida uma diferenciação eu/não-eu. Deste modo, a função de *holding* torna-se fundamental para o gradual estabelecimento de um ambiente que possibilite o das expressões do desejo e da falta.

Chegamos ao ponto em que é possível constatar como o conceito de objeto influencia a condução do processo analítico⁶. Embora as modalidades de intervenção analítica aqui ressaltadas – *holding e interpretação* – originem-se dos diferentes modos através dos quais Winnicott e Lacan elaboram o conceito de objeto, é possível observar que ambas encontram-se entrelaçadas na prática de todo psicanalista. Nada melhor do que recorrermos à seguinte premissa lacaniana: “*Primum vivere*, sem dúvida: há que evitar o rompimento” (Lacan, 1958, p. 602).

Desta forma, percebemos que o processo analítico não é apenas construído a partir de excessos que precisam ser interditados, ou de faltas que precisam ser restituídas, mas sim que estas duas dimensões não podem ser dissociadas. Isto diz respeito à capacidade do analista de valorizar, no momento adequado, a importância tanto de um aperto de mão ou de uma conversa quanto a de uma interdição ou de um silêncio. O fato de admitir a relevância das práticas clínicas originárias das diferentes formas de conceber a constituição do sujeito e do objeto permite-nos privilegiar, antes de tudo, o sofrimento psíquico do sujeito, evitando, portanto, a manutenção de um único olhar sobre o sujeito e sobre a psicanálise.

⁶ Além do conceito de objeto, a abordagem da concepção de alteridade nas diferentes orientações analíticas conduz-nos a estas consequências clínicas, cf. Souza 2001.

Referências bibliográficas

- KLAUTAU, P. (2002) *Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan: um diálogo sobre a gênese do objeto*. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica). PUC/RJ.
- LACAN, J. (1956-57). *O Seminário, livro 4: As Relações de Objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- . (1960). “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . (1960a). “Lettre à Winnicott”. In: *Ornicar*. Paris: Revue du Champ Freudien, n ° 33, pp.7-10.
- . (1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MILLER, J. (1997). *Lacan Elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- SOUZA, O. (2001). “Os continentes e o vazio em psicanálise”. In: Carmem Da Poian (org.). *Formas do vazio: desafio ao sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera, pp. 131-141.
- . (2002). *Aspectos clínicos e metapsicológicos dos usos das drogas*. In: Plastino, C.A. (org). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa.
- WINNICOTT, D.W. (1941). “A Observação de Bebês numa Situação Padronizada”. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- . (1951). “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais”. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- . (1960). “Para Jacques Lacan”. In: *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- . (1967). “A localização da experiência cultural”. In: *O Briançar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.